

**PILOTO A BORDO – EXPERIÊNCIA COM AVALIAÇÃO FORMATIVA NA
EDUCAÇÃO INCLUSIVA COM DEFICIENTES INTELECTUAIS DA REDE
MUNICIPAL DE GUARIBA-SP**

Stephânia Cottorello Vitorino- Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

“Júlio Mesquita Filho” - UNESP (stephaniacv@yahoo.com.br)

Resumo: O presente artigo é um relato de experiência sobre a prática de avaliação formativa com ênfase na Educação Inclusiva com alunos com deficiência intelectual. O objetivo deste trabalho é compartilhar a experiência de uma avaliação que acompanha o processo aprendizagem do aluno no uso dos instrumentos do portfólio do qual foi denominado por piloto a bordo justamente por acompanhar o aluno em seu percurso educacional, e dos relatórios bimestrais e semestrais de desenvolvimento como sendo um efetivo acompanhamento do desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual, sendo preenchidos e organizados pelos professores da sala regular sob a orientação dos professores das salas de recursos, tais instrumentos são utilizados em busca da qualidade da educação que é permitido através de uma avaliação que tenha como objetivo o diagnóstico, a reflexão, a ação e a formação. Tais procedimentos de registros foram adotados pela gestão da Rede Municipal de Ensino de Guariba, SP, entre os anos de 2009 a 2013, que foi o período em que a Rede Municipal de Educação começou a receber alunos com deficiências das instituições especializadas. Considerando este contexto, o presente artigo se propõe a levantar e apresentar subsídios para uma reflexão sobre a relevância das avaliações como instrumento de grande potencial para a educação inclusiva, superando a cultura internalizadora do conceito de avaliação como estigmatizadora e classificadora.

Palavras-chave: Avaliação Formativa, Inclusão Escolar, Deficiência Intelectual

A avaliação está presente no cotidiano escolar, é um instrumento que a escola se apropriou e recentemente a própria Política Pública aderiu à avaliação como termômetro das ações implementadas na educação. De acordo com (Perrenoud, 1999, p. 09), a avaliação nasceu com os colégios por volta do século XVII e tornou-se indissociável do ensino de massa que conhecemos desde o século XIX, com a escolaridade obrigatória. Deparamo-nos, dessa forma, com um sistema antigo de avaliação, cujo objetivo era classificar, criar hierarquias, certificar e rotular, menos o caráter de diagnóstico sobre o

objeto avaliado, que segundo Luckesi (1995, p.43), “ Para não ser autoritária e conservadora, a avaliação terá de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos”.

Uma avaliação com desvios pode colaborar para a inviabilização do processo de democratização de ensino. Vamos abordar o conceito de avaliação segundo Gatti, 2009,

Avaliação Educacional hoje não é apenas um campo com teorias, processos e métodos específicos, mas também um campo abrangente que comporta subáreas, com características diferentes: avaliação de sistemas educacionais, de desempenho escolar em sala de aula, de rendimento escolar com objetivo de macroanálises, de programas, avaliação institucional e auto-avaliação. (GATTI, 2009,p.4)

Observam-se as várias características da avaliação educacional, porém torna-se restrita apenas ao conceito de classificar, hierarquizar e de rendimento escolar, devido à cultura de uma história educacional elitizada em que o objetivo maior era selecionar, os processos avaliativos que tinha por vez critérios altamente seletivos. Esta cultura ainda se faz presente nos meios escolares e na sociedade em si. Mas o que seria uma avaliação que viesse efetivamente a contribuir com a democratização do ensino, com o diagnóstico do desempenho escolar, com a reflexão da prática do professor, com a avaliação institucional?

Para Gadotti, a avaliação é inerente e imprescindível, durante todo processo educativo que se realize em um constante trabalho de ação-reflexão, porque educar é fazer ato de sujeito, é problematizar o mundo em que vivemos para superar as contradições, comprometendo-se com esse mundo para recriá-lo constantemente (GADOTTI, 1994, p. 90).

O aluno com deficiência intelectual tem dificuldade de elaborar, formar, construir seu pensamento e seu conhecimento da mesma forma e ao mesmo tempo em que os demais. As escolas apresentam dificuldade em trabalhar com uma clientela

diferenciada devido ao padrão que está estabelecido, padrão que envolve desde a metodologia de trabalho a avaliação de conteúdo.

Segundo Mantoan, “ o processo de avaliação que é coerente com uma educação inclusiva acompanha o percurso de cada estudante a evolução de suas competências e conhecimentos,” (2007,p.54).

Observa-se que a finalidade da avaliação na educação inclusiva é o de acompanhar o desenvolvimento do aluno em aspectos de conteúdos pedagógicos, afetivos e sociais.

A avaliação formativa exige das instituições escolares muito trabalho e disciplina, mais dedicação, mais observação, mais reflexão e menos influências externas. Por isto, neste estudo destacamos a avaliação formativa, através do instrumento portfólio, que tem como objetivo proporcionar o acompanhamento do aluno diariamente, pautado em proporcionar reflexões sobre a prática docente o que possibilita a construção do conhecimento do aluno e do docente. Parte de anotações feitas das observações dos alunos e dos trabalhos, das atividades, dos exercícios, das produções por eles realizadas.

Para Sá-Chaves (2000), o portfólio evidencia ao mesmo tempo, tanto para o educando quanto para o educador, processos de autorreflexão. São laboratórios nos quais os estudantes constroem significados a partir de sua experiência acumulada. É um resumo da trajetória de aprendizagem.

Observamos, assim, a necessidade da avaliação ser formativa e transformada para atender as reais necessidades da aprendizagem do aluno, como afirma Perrenoud, “é formativa toda avaliação que ajuda o aluno a aprender a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido um projeto educativo” (PERRENOUD 1999, p.103).

Neste contexto, não importa quais os instrumentos avaliativos que o educador irá utilizar para fazer uma avaliação formativa e sim a forma que irá extrair os resultados e adaptá-los a sua prática ao encontro das necessidades do aluno, podendo ser seus instrumentos: a prova, testes, portfólio, observações de comportamento diante de determinada tarefa. Observa-se a necessidade de romper o sentido de avaliação em juízo de valor que está historicamente enraizada em nossa cultura escolar, em que o objetivo

maior é a memorização, a classificação, a seleção, a criação de hierarquias, exclusão e certificação.

Como afirma, Perrenoud (1999):

A avaliação é formativa porque é uma avaliação que objetiva melhorar a formação; sua preocupação não é classificar, dar notas, punir ou recompensar, mas ajudar o aluno a aprender. Uma avaliação que permita aos alunos identificar seus erros, acertos e lacunas; e aos mestres destacar os ganhos e as dificuldades de cada aluno para poder ajudá-los a progredir mais. (PERRENOUD, 1999, p.79)

A avaliação formativa fundamenta-se na observação e no registro do desenvolvimento dos alunos, em seus aspectos cognitivos, afetivos e relacionais, passa a ser uma avaliação contínua e diária, o que possibilita ajustar as necessidades detectadas por ela aos ajustes reais do currículo da sala de aula, partindo do pressuposto de que a avaliação formativa tem a função de agir; é diagnóstica e sistemática e é o eixo do processo de ensino-aprendizagem; permite rever todos os passos do planejamento isto é, se os padrões pretendidos são adequados, se o tempo pensado para aprendizagem é suficiente, se as tarefas propostas para aprendizagem foram funcionais se os materiais didáticos são apropriados, se a relação aluno-professor é produtiva, etc.

Gadner 1995, considera dois momentos importantes na atuação do professor, para acompanhar o processo desenvolvimento do aluno:

Gostaria de ver as escolas procurando evidências de várias inteligências, através da coleta de informações (a partir do próprio aluno e de outras pessoas) sobre os tipos de projeto em grande escala nos quais o aluno se envolve e os tipos de produtos que foram executados (p. 159)

Gadner descreve a atuação do professor como:

(...) eu gostaria de ver os professores da universidade adotarem uma gama mais ampla de instrumentos de avaliação. Os projetos (e não apenas as provas do ano escolar) deveriam

ser uma opção regular para os alunos, e todos deveriam ter oportunidade de executar e depois avaliar (e ter avaliados) alguns de seus próprios projetos (p. 160)

Esta prática de avaliação ainda não é comum entre os docentes do sistema educacional brasileiro, talvez pela falta de orientação em como proceder e organizar tal documento e também por ser minucioso o que requer tempo e dedicação para fazê-lo.

Nota-se que para melhorar a avaliação há necessidade de tocar no conjunto do sistema didático, do sistema escolar e do sistema político que também rege o sistema educacional brasileiro. Neste sentido, observa-se que a avaliação formativa, é um componente indispensável dentro do processo de uma pedagogia diferenciada, suas múltiplas funções designam em regular e orientar o processo de ensino-aprendizagem, a avaliação passa a ter outra característica, deixa de ser um fim em si mesma e passa a ser um meio de diagnosticar, regular e orientar.

Hoffmann (1995, p. 18), descreve:

“a avaliação é a reflexão transformadora em ação. Ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade e acompanhamento, passo a passo, do educando, na sua trajetória de construção do conhecimento. Um processo interativo, através do qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmos e sobre a realidade escolar no ato próprio da avaliação.”

Nota-se que a avaliação da qualidade de ensino tem se tornado fator preocupante para seus administradores, visto que envolve atividades complexas e que não dependem somente do professor e sim de todo contexto acadêmico.

Experiência do Município de Guariba com a Avaliação Formativa em Alunos com Deficiência Intelectual na Rede regular de Ensino.

A Rede Municipal de Ensino da cidade de Guariba é constituída por 18 escolas, entre educação infantil e ensino fundamental I e II, totalizando 6.560 alunos, destes alunos 127 matriculados são alunos com Deficiência Intelectual, 02 alunas com Baixa Visão, 15 com Transtorno Global do Desenvolvimento (Síndrome de Asperger e Aspecto Autista) e 06 com Deficiência Física. Todos os alunos citados são atendidos na sala de recurso no contra turno, menos os alunos com baixa visão que recebem atendimento em uma instituição especializada para cegos e baixa visão. Os alunos que são atendidos pelo AEE (Atendimento Educacional Especializado) de nossa cidade recebem atendimento com professores especializados, os atendimentos acontecem até duas vezes por semana, com cinquenta minutos de duração, individualmente e/ou dupla de acordo com a necessidade observada pelo professor especialista em promover atividades que visem o compartilhar, o socializar o dialogar com o outro. É importante ressaltar que cada aluno atendido tem seu plano individual elaborado pelo professor da sala de recurso que recebe adaptações de acordo com os avanços e de acordo com as necessidades do aluno. O professor especialista vai até a escola do professor da sala regular a qual o aluno estuda e orienta quanto a procedimentos metodológicos, instrumentos de avaliação e a elaboração do plano adaptado. A avaliação também recebe sua adaptação, ou seja, acompanha o desenvolvimento do aluno e através de tal desenvolvimento é elaborado uma avaliação para que seja realizada junto com os demais alunos, o que muda é exatamente os objetivos e os procedimentos metodológicos, para acompanhamento diário é utilizado um portfólio que denominamos por “piloto a bordo” é um caderno com registros dos alunos com as atividades adaptadas, com desenvolvimento dos alunos, sempre contendo o objetivo da atividade e a avaliação desta atividade, o caderno é elaborado duas vezes por semana o professor escolhe o dia e as atividades que serão anexadas neste portfólio, o importante é que sejam atividades que venham a contribuir com informações sobre o desenvolvimento do aluno e/ou com as dificuldades, além das atividades são coladas neste caderno fotos para que sejam visualizadas as atividades e também o comportamento de não aceitação de tal atividade. O aluno também realiza as outras atividades como apostilas, cadernos e livros, o portfólio é realizado com objetivo de avaliação formativa e de registros do

trabalho realizado com o aluno. O portfólio não pertence à escola e sim ao aluno, quando termina o ano ou quando este aluno é transferido para outra escola ou quando muda para outra cidade a família leva o portfólio para que outro professor dê seguimento ao trabalho, por isso foi denominado por piloto a bordo porque acompanha o aluno e vai exatamente onde ele for. Temos também fichas de desenvolvimento do aluno com relação às áreas emocionais, sociais e de conteúdo escolar, estas fichas são preenchidas pelo professor da sala regular, guardadas em prontuários do aluno. O professor especialista da sala de recurso também tem seu portfólio e suas fichas de desenvolvimento dos alunos atendidos.

A preocupação em ter informações sobre este aluno e que estas informações não fossem perdidas, fez com que a equipe de profissionais do AEE (Atendimento Educacional Especializado) juntamente com os professores das salas regulares tomassem tais ações, ou seja, após a dificuldade em ter um plano de trabalho efetivo para o aluno com deficiência intelectual, se viu a necessidade de ter uma avaliação também efetiva com dados relevantes capazes de nortear e acompanhar a ação do professor em sala de aula e o desenvolvimento do aluno em sua trajetória escolar.

Referências Bibliográficas:

FÁVERO, PANTOJA e MANTOAN . Aspectos legais e orientação pedagógica. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta. Guia da Escola Cidadã vol. 5. 1ª ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1994.

GATTI, Bernadete A. Avaliação educacional no Brasil: pontuando uma história de ações. EccoS revista científica, junho, ano/vol.4, número 001 – Centro Universitário Nove de Julho – São Paulo, Brasil. Pp. 17- 41, 2009.

GARDNER, Howard. Inteligências múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Artmed, 1995.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação:** mito & desafio. Uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1995.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Planejamento e avaliação na escola: articulação e necessária determinação ideológica. In: LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. 2 edição. São Paulo: Cortez, 1995. p102-119.

PERRENOUD, Philippe – A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso; trad. Claudia Schilling- Porto Alegre: Artmed Editora, p.55-174, 1999.

SÁ-CHAVES, Idália (2000): Portfólios reflexivos: estratégia de formação e de supervisão. Aveiro: Universidade.